

## II — DISCURSO DO PARANINFO DA TURMA PROF. ALVARO BARCELLOS FERREIRA \*

Magnífico Reitor  
Sr. Professor Diretor da Faculdade  
de Medicina  
Excelentíssimas autoridades  
Minhas Senhoras  
Meus Senhores  
Meus queridos afilhados

Há vinte e sete anos — numa solenidade igual a esta e neste mesmo local — eu recebia também o meu diploma de Doutor em Medicina.

Há vinte e sete anos — como vós agora — eu vibrava e fremia. Sentia a mesma ansiedade e a mesma inquietude, a mesma alegria e o mesmo orgulho que sentís. Sonhava os mesmos sonhos de glória, tinha as mesmas esperanças e acalentava as mesmas ilusões.

Hoje — com a honra de ser vosso Paraninfo — eu me sinto transportado novamente àquela época, cheio de entusiasmo, de fé e de mocidade. Uma emoção profunda me invade e me domina. Vivendo intensamente o momento presente, eu volto ao passado, com uma saudade grande e imensa.

Eu revejo. Eu recorro. Eu revivo. E vos agradeço — comovido e orgulhoso — a distinção que me concedestes e que me permite rever, recordar, reviver.

Revejo e recorro, tudo o que passou, tudo o que ficou para trás, tudo o que consegui, tudo o que não pude ter.

Revejo e recorro toda a esperança e todo o desânimo, que se sucediam, que me faziam, muitas vezes, sofrer e duvidar, para finalmente, sentir a alegria do vencedor.

Mas, deixemos o passado e retornemos ao presente, à este presente de luz e de glória.

E vivendo, intensamente esta hora, olhai meus queridos colegas, olhai o futuro, para o que há de vir, confiantes e serenos. Olhai, pensando na pequenez do

homem e na grandeza da **MEDICINA**. Olhai, pensando que a **VIDA** é breve e a **ARTE** longa.

A **VIDA** — como a glosou Fernando Magalhães — “A **VIDA** é breve. Seja ela um soluço imenso, um gôso efêmero ou um desejo contínuo, é sempre um rápido instante no tempo talvez infinito. A **ARTE** é longa, tão longa como a humanidade sofredora. Longa arte, grande de sabedoria e maior ainda de mistério. Arte longa, que ensina a ler o livro da **VIDA** e a decifrar os enigmas da morte; que empresta halos de predestinado e transfigurações de santo; que descortina o invisível e alcança o insondável. Arte do alívio, da consolação, da ternura e da clemência. Arte de ouvir e de esquecer; de sentir e de perdoar, de amar e de sofrer. Arte que transforma a lágrima em riso, a dôr em beatitude, a agonia em salvação. Arte de receber o primeiro vagido e recolher o último alento. Arte de prolongar a **VIDA** e suavizar a **MORTE**. Arte dos semi-deuses de outrora e dos grandes sábios de hoje; arte sobre-humana, que arranca do mistério a verdade, para espalhá-la generosamente e à mãos cheias, por este mundo vasto e sombrio, a todos os que gemem e a todos que choram, como um sinal de fraternidade e de esperança”.

Isto, meus queridos amigos, é a **MEDICINA**, a nossa **MEDICINA**, que amamos com ternura e com paixão, porque ela é, acima de tudo, humana, profundamente humana. Tão humana, que se alça se eleva e chega a ser divina.

Mas, Medicina, não é somente **ARTE**. Ela também é ciência. E, por isso, não pára. Caminha e marcha, sem cessar, sem descanso, sem desfalecimentos. Avança e progride, sempre e sempre na sua busca desesperada da **VERDADE**, na sua procura incansável da perfeição.

Quando nada mais parece possível

\* Professor Catedrático da 2.ª Cadeira de Clínica Médica.

desvendar, eis que um aspéto novo é descoberto e posto em evidência.

São tantos e tão grandes os achados e inventos, que quedamos mudos de espanto e admiração.

Envolta num turbilhão de descobertas, a nossa **MEDICINA** está no momento atual, como que atordoada, inquieta e hesitante.

Embriagada de novidades e análises, ela aspira por um minuto de síntese. Sufocada pela revelação de tantos enigmas, ela deseja poder tomar fôlego, sob os platanos de Cós, como disse Leriche.

Em certos momentos, surge, realmente, algum genio, que reúne, congrega e sintetisa. Então, a **MEDICINA** se tranquilisa, se reequilibra e respira. Mas, rapidamente, outra avalanche de descobertas e análises a sacodem e abalam, trazendo uma nova inquietação e um novo desejo de um pouco de paz e estabilidade.

Os tempos passam nesse jôgo constante e interminável, neste fluxo e refluxo de ância e de serenidade.

O homem — êsse grande desconhecido — é estudado, analisado, dissecado e... reconhecido.

Descreve-se a anatomia do vivo, traça-se a fisiologia da **VIDA** e penetra-se nos arcanos da **MORTE**.

Mas — maravilha de Deus — divino por sua criação e humano por seu pecado — o homem conserva e guarda ciosamente muitos de seus segredos e mistérios.

Vivemos uma éra realmente admirável. A **MEDICINA** se eleva a altas culminâncias. No campo da terapêutica, seu progresso chega a ser extraordinário e prodigioso.

Um só setor — o das doenças cárdio-vasculares — enche tôda uma época e nos faz crer no engenho e na capacidade do homem e na inspiração e bondade de Deus.

A nova orientação terapêutica — clínica — cirurgica por excelência — veio

demonstrar que tudo é possível e que nada há de irrealizável.

As intervenções cirurgicas sôbre o coração vêm, dia a dia, ampliadas as suas indicações, diminuídos os seus riscos e aumentados os seus benefícios.

Deslumbrados, assistimos a curas espetaculares e a recuperações inacreditáveis.

O coração — próprio centro da **VIDA** — é tocado, manipulado e corrigido. As coarctações vasculares são simples e naturalmente seccionadas e as extremidades do vaso ligadas de novo; as comunicações normais são fechadas, as insuficiências valvulares são entrecerradas e as estenoses são suavemente violentadas.

A impotência de outrora ante tais situações, opomos hoje uma terapêutica realmente efetiva e compensadora.

Uma cousa, porém, se exige para a exata indicação cirúrgica, heróica e salvadora — a precisão do diagnóstico. Todos os recursos semiológicos — clássicos e modernos — têm de ser utilizados e empregados. Por isso mesmo é que, hoje em dia, tantos métodos de exploração cárdio-vescualar se ensaiam e se fixam. Multiplicam-se os processos de exame, aperfeiçoam-se as técnicas e obtem-se, assim, uma visão nítida de como é e como se comporta — no estado normal e patológico — o conjunto cárdio-vascular.

Para unicamente lembrar, citarei o **Cateterismo Cárdiaco**, a **Angiocardiografia** e o nosso **Pneumopericardiomediastino**.

Com o **Cateterismo**, penetra-se dentro dos vasos e do coração, medem-se as diferentes pressões internas e dosam-se os gases nos diversos setores.

Com a **Angiocardiografia**, lança-se o contraste opaco na torrente circulatória, segue-se e estuda-se a sua progressão a-travez dos vasos e das cavidades cárdiacas, desenhando-se sucessivamente o contorno interno desses segmentos.

Com o **Pneumopericardiomediastino**, — de nossa criação — insufla-se a cavidade pericárdica e o mediastino, criando a câmara clara e luminosa circundante, debuxando o contorno externo do cora-

ção e grandes vasos e obtendo uma visão nítida e perfeita do conjunto.

Com tudo isso, nada nem ninguém pode deter ou conter o cirurgião, apoiado no cardiólogo e calçado no anestesista. Sua audácia cresce e seu arrojo aumenta, amparado que está nos clínicos e nos fisiologistas.

Só quem viu, só quem participou, só quem viveu o drama de um pobre e grande coração doente, se entusiasma e se entenece com o milagre da cirurgia cardíaca. Só quem sentiu, só quem acompanhou o drama de um coração, que aneja bater e palpitar e se vê coibido em seu trabalho vital, compreende a alegria que invade noss'alma ao vê-lo retomar sua capacidade realizadora.

Eu, meus queridos amigos, já vi, já participei, já senti, intimamente, toda essa angústia prévia da inutilidade e já acompanhei já segui, já vivi toda a vibração da recuperação funcional.

E, posso dizer-vos que é emocionante o desenrolar de uma intervenção cardíaca.

Aberto largamente o peito, lá está o coração — símbolo da nossa VIDA — pois começa a bater ainda no ventre materno e assim continua até o último suspiro.

Não posso, realmente, vos transmitir o que se sente nesses momentos decisivos. É um misto de angústia e de esperança, de ansiedade e de confiança, de apreensão e de deslumbramento. Nós, os clínicos, nos identificamos, inteiramente, com o cirurgião. É um só desejo, um só anseio, uma força só, nos guia e nos conduz.

Cada vez mais, penetra-se no amago do coração. Bem próximo está o dia, em que não heverá mais vício, lesões ou anomalia que não possa ser alcançada e corrigida.

Com o coração artificial e a hipotermia, já se acena hoje com a possibilidade da intervenção à céu aberto, sem uma gota de sangue e com o máximo de segurança.

Já se contam aos milhares os cora-

ções recuperados. Não são mais àqueles pobres corações doentes, incapazes, rendidos e desfalecentes. São novos corações, que revivem para a luta cotidiana, que palpitam ao sopro da paixão e se enternecem com as alegrias e o encantamento do amor.

Senhores, temos razão em humildemente sentir orgulho da nossa **MEDICINA**. Temos razão em humildemente sentir orgulho de sermos **MÉDICOS**.

Hosanas aos crentes convictos, construtores dessa realidade. Hosanas aos grandes homens que idearam, criaram e realizaram tais prodígios. E hosanas também a todos àqueles que os seguem e acampanham, fecundando com seu trabalho a ideia original.

E graças — a **DEUS** — que nos inspira, nos ilumina e nos conduz no caminho do bem, da verdade e da perfeição.

Meus queridos afilhados.

Nesta hora decisiva de vossa vida, consenti que vos diga que só a liberdade nos permite alcançar a verdade e que só a verdade pode nos fazer tranquilos e felizes.

Sem liberdade, não há progresso, não há cultura não há ciência.

O regime político, que aprisiona a ciência, que cerceia o pensamento e controla a inteligência, é um regime destruidor da personalidade humana, que vive de mentiras, de embustes e de violências.

O regime político que dita regras à **CIÊNCIA**, que interfere nas Universidades, é um regime de opressão e de decadência, que anula a capacidade criadora e transforma os homens em autômatos.

A aparência nada vale e nada significa. É necessário o sopro da paixão humana, a inspiração do ideal, a força do coração, para dar vida às cousas inanimadas e insensíveis.

Só a liberdade permite alcançar a verdade. E só a verdade provoca chispas, arrasta vontades, suscita vocações e cria personalidades. Só a ância de encontrar a verdade trás consigo a tranquilidade e a felicidade.

Meus queridos filhos.

Permití que assim vos chame, por que “os discípulos são filhos da inteligência e do coração, que não morrem como os filhos do sangue. — no dizer de Loudet — porque neles se transmite e se acende a luz do espírito”.

Ter discípulos é tarefa generosa e magnífica, ter discípulos é qualquer coisa de sublime e grandioso.

Por isso vos digo — meus queridos filhos.

Ao despedir-me de Vós — com meus melhores e maiores votos de felicidade — não vos digo adeus, mas até breve. Não sentirei saudade, porque sei que voltareis. Guardarei, isto sim, uma lembrança doce e amavel dos filhos queridos, que amanhã à nós novamente se reunirão.

Ao despedir-me de Vós, eu vos dou por inteiro meu coração.

Imitando Afranio Peixoto, eu o arranco do peito e vô-lo ofereço, palpitante ainda, cheio de amor e gratidão.

Meus queridos filhos.

Ide e exercei a MEDICINA.

Ide e exercei a MEDICINA, com dignidade, com fé, com dedicação.

Ide e exercei a MEDICINA, com desprendimento, com fervor e com carinho.

Ide e exercei a MEDICINA, espalhando consolo, alívio, ternura e clemência, prolongando a VIDA e suavizando a MORTE.

Ide e tornai-vos vencedores.